# PEQUENO ABE UM CINÉFILO

POR MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI

FEBRE DE CINEMA

**Quando recebi o convite para escrever** nesta revista sobre cinéfilos na periferia, fiquei instigado pela questão. Sabia que qualquer coisa que eu escrevesse dificilmente fugiria da ideia preconcebida sobre cinéfilos e periferia. Este seria um problema interessante, já adiantado pelos editores da revista no convite feito. Toda produção de representação desses dois universos é bombardeada por ideias algo redutoras presentes no senso comum. A caricatura é usual em opiniões que mostram o cinéfilo com um estilo de vida que o torna o outro do mundo e a periferia sendo chamada de lugar de ausência e de não-lugar.

Sabendo disso, e de que não teria outro caminho a não ser a colisão com este imaginário para produzir uma percepção um pouco mais íntima sobre este campo comportamental e operador de subjetividade, decidi encarar os clichês a partir de algumas estratégias. Meu objetivo aqui neste trabalho não é descobrir um novo movimento ou revelar um novo tipo de comportamento social extraordinário, gestos muito comuns em quem aborda esse tipo de assunto.

Procuro formular uma abordagem que possa estabelecer uma relação de proximidade e expressão das negociações que uma pessoa que se declara cinéfilo na periferia costuma fazer. Desde a importância na organização da coleção de DVDs até as conversas sobre filmes com amigos no MSN madrugada adentro, passando pela consciência de imitação na vida de gestos cinematográficos, o ato de gostar de cinema traz um desejo de mundo que organiza a passagem pela juventude nos territórios populares. Entretanto, esse desejo de mundo para outros se expressa também no funk, na religião ou na política. Desta maneira é bom saber, como kit de partida para o mergulho no assunto, que não estamos falando de algo novo e nem raro.

A combinação de operações subjetivas que leva um jovem de periferia a se reconhecer numa prática de cinéfilo é mais um elemento do repertório de formas de significação da vida presentes hoje em parcela importante desta juventude. Digo isso para ficar claro que tanto o funkeiro como o cinéfilo possuem a mesma potência na vida. Apenas, até o presente momento da história do país, o cinema tem muito mais reconhecimento por parte dos estudos culturais. Assim, quando um moleque de periferia encoraja-se e declara sua cinefilia como estilo de vida, ele encontra um vasto repertório de representações miméticas, que podem ser seu guia. O curioso é que percebemos que quando este moleque imita comportamentos, sua cópia está produzindo mais subjetividade que o original. Trazendo novas articulações e combinações que podem contribuir no reenraizamento do cinema nas juventudes populares. E isso é bom!

# CEDÁRIO DE DA PERIFERIA

## Território como tela

O primeiro procedimento que resolvi adotar foi fazer um recorte territorial. Nova Iguaçu é uma das principais cidades da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro marcada por contradições sociais e lutas históricas da sociedade civil, na afirmação de um imaginário. Quando fui Secretário de Cultura de Nova Iguaçu, depois de ter criado a Escola Livre de Cinema e ter presenciado a emergência de uma cena muito forte em cineclubes espalhados em diversos cantos da cidade, reunindo jovens em busca de afirmação comportamental, já sabia que aquela efervescência estava no DNA da própria cidade, que já havia sido palco de outras experiências nos anos 1980, como a TV Maxambomba. Entretanto, a novidade ali presente, que num primeiro momento não se expressava com clareza, era a forte presença de uma cultura do faça você mesmo.

Além de se reunir para ver filmes, estudar e falar de cinema, realizar filmes a qualquer custo se colocava na ordem do dia para diversos jovens. Como sabemos, este conjunto de elementos de ação e recepção são capazes de produzir uma cena cultural. É bom salientar que não existe uma unidade nesses jovens desta cena de Nova Iguaçu. Temos desde filhos de classe média histórica da cidade até filhos de operários que se declaram amantes e realizadores da sétima arte.

## O cinéfilo e seus amigos

Getúlio Ribeiro é considerado por seus amigos o maior cinéfilo da cidade de Nova Iguaçu. Esse título é muito mais um reconhecimento de códigos comuns por parte de todos do que uma conquista por feitos que o coloca nessa posição. Getúlio pertence a essa geração que vem, através de estratégias bem específicas, criando uma cena significativa que mistura audiovisual, juventude e ativismo cultural na Baixada Fluminense. Diversos cineclubes, pequenos projetos audiovisuais educativos, junto com a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu e o seu festival anual, o Iguacine, caracterizam um cenário diverso onde este nosso cinéfilo passeia com habilidades que o retiram de qualquer arco dramatúrgico tipificado ou caricato.

O jovem de 21 anos vem de uma família popular de Nova Iguaçu, onde antes dele nenhum membro havia exercido qualquer relação de intimidade com o cinema ou práticas culturais. Recentemente descobriu que um primo distante em Pernambuco também gosta de ver filmes como ele. A compra de um aparelho de DVD por seus pais foi o dispositivo dessa intensa relação com o cinema que nosso personagem possui e onde começou também a sua peregrinação para conseguir assistir filmes cotidianamente. Ele não está só. Josy Antunes, Diego Bion e Luana Pinheiro são alguns dos jovens que também poderiam atender por esse nome, mas preferem

destiná-lo exclusivamente ao amigo – afinal Getúlio, segundo eles, tem todas as características de um cinéfilo. Sendo inclusive o mais disciplinado, já que na sua infindável lista de filmes sempre insere novos títulos a serem vistos. O que ocorre é que esse grupo de jovens tem em comum o interesse por cinema, o que inclui ver, falar e refletir sobre o que assistiram.

Contarei a seguir em forma de abecedário este breve encontro com Getúlio, o maior cinéfilo da Baixada Fluminense, segundo seus amigos. Escolhi esta forma para valorizar as breves reflexões desses jovens sobre o assunto. É possível que o leitor se reconheça em muitas situações. O que vale aqui é que elas mostram um desejo de pensar a sua vida como linguagem. Uma busca de significação da vida pelo cinema. Ideia necessária para qualquer país democrático. Eis o pequeno abecedário do cinéfilo de periferia:

**A – ACHAR FILMES** Ao encontrar um filme coreano em um camelô do calçadão de Nova Iguaçu, Getúlio vibrou. Desde então, Diego Bion e Luana Pinheiro, seus amigos organizadores do Cineclube Buraco do Getúlio, tentam, a pedido de Getúlio, encontrar uma data na programação do cineclube para realizar uma mostra de cinema asiático. A paixão por filme asiático começou com Getúlio assistindo por acaso a *Oldboy*, do diretor Park Chan-wook, em um canal a cabo. "Tem cinéfilo que se especializa num tipo de filmografia. O Getúlio, por exemplo, é louco por cinema asiático. O bom cineclubista exibe filme para os cinéfilos. Vamos realizar essa mostra", comemora Bion.

**B – BAIXAR FILMES** Depois que a banda larga chegou ao seu bairro, a conversa com amigos pela internet levou Getúlio a outra grande descoberta, o *Torrent*. Desde então o computador de sua casa passa dias ligado baixando arquivos de filmes. Para preocupação de sua mãe com a conta de luz.

**C – CONVERSAR SOBRE FILME** No início de qualquer conversa, Getúlio avisa logo que não gosta de futebol, gosta de filmes. Conversa longamente com amigos nas sessões de cineclube e até conseguiu uma namorada num encontro que começou com um simples papo sobre cinema. Sua capacidade de guardar nomes de realizadores é vista por seus amigos como uma qualidade, mas todos são unânimes em dizer que ele só abre a boca para falar de filme.

**D – DVD** Quando o pai comprou o aparelho de DVD que o tornaria cinéfilo, a mãe de Getúlio vivia dizendo: "Não acredito que você vai gastar dinheiro comprando filme." Não adiantou, Getúlio tem mais de duzentos filmes e é capaz de discursar sobre cada um deles.

**E – EXTRAS** Foi assistindo aos extras e repetindo as melhores cenas dos filmes que Getúlio passou tardes em sua sala, com um DVD atrás do outro. Às vezes ele diz que está num dia Godard, outras vezes não suporta nem dez minutos de um filme pipoca, mas todo dia ele se senta para ver filme.

**F – FESTIVAL DO RIO** Apesar de ser cinéfilo, Getúlio nunca conseguiu ir ao Festival do Rio. Quando digo a ele que comprarei um "passaporte" e darei de presente para o próximo, seus olhos se mexem como quem assiste a um efeito especial na tela.

**G – GETÚLIO** Getúlio é tão cinéfilo que passa perrengue para ver filme. É assim que sua amiga Josy, aluna da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu e organizadora do Cineclube Donana em Belford Roxo, inicia uma história contada depois por Getúlio sobre um domingo em que, com apenas dez reais no bolso, peregrinou pela metrópole do Rio para assistir a um determinado filme.

**H – HABILIDADE** Segundo seus amigos, Getúlio tem habilidade para decorar nomes da ficha técnica e cenas inteiras. Todos ficam chapados.

**I – IR AO CINEMA SOZINHO** Getúlio gosta de ver filme sozinho, gosta de ver a vida em planos, só não gosta de como o cinéfilo é retratado em alguns filmes, segundo ele como *nerd teen*. Considera o curta-metragem *Ensaio sobre cinema,* de Allan Ribeiro, a melhor representação de cinéfilo que já viu nas telas. "É uma grande homenagem ao cinema", define.

**J – JOSY** É a amiga de Getúlio que o classifica como o maior cinéfilo da Baixada. Por sua vez, Josy se classifica como cinéfila de mentira, por não pensar em filmes toda hora. Mas é capaz de me escrever no *Twitter sobre* as características de um cinéfilo de periferia.

**K – Km** Andando um dia por Nova Iguaçu, Getúlio viu um *outdoor* da Escola Livre de Cinema. "Eu tinha vontade de estudar cinema, mas não tinha como naquele momento entrar na universidade. Depois de ter entrado na 'Escola', a vontade de fazer filmes virou uma fissura", revela. Getúlio só pensava em filme todo dia, toda hora. Começou a perceber que aprendia coisas sobre a vida, o mundo, a matéria de História, vendo filme. Foi capaz de andar quilômetros para chegar à Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu.

**L – LOCADORAS** As boas locadoras de Nova Iguaçu foram acabando. Os camelôs viraram a melhor opção. "Tem coisas no camelô que nem as Americanas vendem!", comemora Getúlio.

**M – MUITO FODA!** É assim que Getúlio classifica o cinema. "Criar um mundo só seu é muito foda!"

**N – NAMORADA** Beijando a namorada na estação de trem, Getúlio imaginou aquele momento da vida como cena. "Fiquei com a namorada e pensei: 'Uma cena de cinema mesmo, a linha do trem, com música romântica'; tudo tinha plano".

**O – ORKUT** Todo cinéfilo de periferia tem um álbum na rede social com cenas ou cartazes dos seus melhores filmes, afirma Josy.

**P – PETRÓPOLIS** Numa ida a Petrópolis, Getúlio encontrou numa galeria um sebo que vendia DVDs mais barato. "Foi um prazer incrível" – é assim que ele recorda aquela tarde inteira dentro do estabelecimento em Petrópolis. Uma tarde memorável.

**Q – QUANTO VALE UM FILME?** Quando contou para sua amiga Elaine Cristina que comprou um DVD pirata no camelô, teve que se explicar por horas, pois ela não admitia o fato de ele ser um realizador e não valorizar seu trabalho.

**R – REALIZAR** "De tanto ver e pensar os filmes, tive vontade de fazer", conta entusiasmado.

**S – SATISFAÇÃO** É grande a satisfação pela coleção de DVDs na prateleira. "Eu gosto é de mostrar meus filmes. São como livros da escola, estudo por eles."

**T – TRABALHADOR** Para Josy, cinéfilo de periferia é um trabalhador precoce, porque seus pais não têm dinheiro e não veem futuro nessa história de cinema. Ele tem que se virar!

**U – UM** Getúlio assume que a fissura não admitia ver apenas um filme por dia. "Já tive época de ver filme todo dia, mais de um."

**V – VISÃO** Encarar a vida de maneira diferente com uma visão mais profunda é como Getúlio define o cinéfilo. É o cinema para pensar a vida.

**W – WWW** Getúlio e Josy embarcam nos papos pelo MSN misturando vida, ideias de roteiros etc. E assim o teclado devora a madrugada deles.

**X** – O xis da questão, para Getúlio e sua geração, é conseguir viver de cinema.

**Y** – Ver um filme até o final dos créditos. Procurar saber quem fez aquela cena que você gosta. Como foi feita? Ficar pensando! Ir até o final dos créditos como quem vai até o final do alfabeto, lá pela letra y.

**Z – ZONA SUL** A grande diferença entre cinéfilo de Zona Sul e cinéfilo de periferia, para Josy, é o bóton de filme cult feito à mão por eles na Baixada e vendido em lojas de artigos de cinema na Zona Sul.

Esses pequenos flagrantes constituem a formulação de uma geração desejante de cinema.

**Marcus Vinícius Faustini** é escritor, cineasta e diretor teatral.
Autor do *Guia afetivo da periferia.*